

## Dependência de piscinões mostra falta de alternativas contra alagamentos no ABC

---

Amanda Lemos



*Especialista defende que piscinão é um ‘despropósito com a arquitetura urbana da cidade’ (Foto: Gabriela Gonçalves/PMSCS)*

Mesmo com investimentos milionários em piscinões e grandes reservatórios, o ABC ainda enfrenta problemas graves de enchentes e alagamentos, especialmente no início do ano, quando ocorre a temporada de chuvas. Acontece que, enquanto as obras tradicionais recebem a maior parte dos recursos públicos, as soluções urbanas mais inteligentes e sustentáveis, capazes de unir drenagem e qualidade de vida, ainda são pouco exploradas, o que afeta diretamente a arquitetura urbana das cidades.

Em Ribeirão Pires, a Prefeitura aplica cerca de R\$ 2 milhões ao ano em serviços de drenagem, voltados principalmente à limpeza de rios, córregos, galerias e bocas de lobo. O município também realiza manutenção preventiva e corretiva das redes pluviais, com ações como roçada e retirada de entulho, mas apesar de eficazes na redução de alagamentos, as medidas concentram-se apenas em obras tradicionais e não transformam o espaço urbano.

São Bernardo segue estratégia semelhante. Até agosto de 2025, a cidade aplicou R\$ 3,2 milhões na manutenção do Piscinão do Paço, do Polder e das elevatórias,

além de R\$ 8,4 milhões em microdrenagem, com 92 obras de manutenção em tubulações, sarjetas, bocas de lobo e escadas hidráulicas. A Prefeitura também realiza estudos para ampliação de galerias e revitalização de córregos, mas o investimento ainda recai fortemente sobre estruturas tradicionais de contenção de água.

Já em São Caetano, o programa Drenar prevê R\$ 173 milhões em obras até a conclusão do projeto, que inclui a construção de um reservatório de 18 mil m<sup>3</sup> no bairro Fundação, a substituição de 22 km de redes de água pluvial e esgoto e o alteamento de 4 km de muros. Segundo a Prefeitura, a ideia é aumentar a capacidade de captação de águas pluviais e prevenir alagamentos em áreas críticas, mas a maior parte do orçamento, assim como nos outros municípios, ainda se concentra em obras estruturais convencionais.

Em Diadema, as ações contínuas também são acerca da limpeza de córregos, galerias, bueiros e caixas de visita, além de obras de contenção de taludes em áreas de risco. Apesar de os três piscinões do município serem responsabilidade do DAEE (Departamento de Águas e Energia Elétrica do Estado), a Prefeitura diz monitorar o serviço e informa eventuais problemas técnicos, e mantém programas de canalização, implantação de redes de drenagem e construção de muros de contenção.

A gestão também solicitou R\$ 54 milhões via PAC para a construção de muros de arrimo e obras de drenagem em áreas de risco, e o futuro Plano Diretor Municipal para Manejo de Águas Pluviais, atualmente em fase de licitação, prevê investimento de cerca de R\$ 6 milhões para monitoramento e gestão das redes de drenagem.

### **Canteiros esponja**

Dentre as sete cidades, Santo André se destaca por apostar em soluções de arquitetura urbana sustentável. No último mês, lançou os canteiros esponja, iniciativa de baixo custo e impacto ambiental que funciona como um sistema natural de absorção da água da chuva, ajudando a reduzir alagamentos em áreas críticas.

O projeto, já implantado na Vila Palmares e premiado internacionalmente, integra um pacote de melhorias urbanas que inclui revitalização de praças e áreas degradadas, e contribui para a recarga do lençol freático. Apesar do potencial, a ação ainda é pontual e funciona como complemento ao modelo tradicional de piscinões e galerias, predominante na cidade.

O município também avança na utilização de tecnologia aplicada à drenagem urbana. Sensores instalados em bocas de lobo monitoram, em tempo real, o nível de resíduos, o que permite ação rápida das equipes de manutenção. Entre 2023 e 2026, Santo André prevê investir R\$ 236 milhões em micro e macrodrenagem, a fim de melhorar o desassoreamento de córregos, construção de microrreservatórios, renaturalização de rios e instalação de sistemas de monitoramento.

Questionadas, as prefeituras de Mauá e Rio Grande da Serra não se manifestaram até o fechamento da reportagem.

### **Alternativas urbanas ainda são tímidas**

Para Enio Moro, gestor e docente dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e Design de Interiores da USCS (Universidade Municipal de São Caetano do Sul), a predominância de piscinões mostra que as cidades ainda priorizam soluções reativas em vez de planejamentos integrados. “O piscinão é um despropósito com a cidade. Ocupa grandes áreas que ficam inutilizadas quase o ano todo e ainda causa impactos ambientais”, afirma.

Já os jardins de chuva ou jardins esponja, na visão do docente, podem funcionar de maneira mais “útil” como parques e espaços de lazer e, nos períodos de chuva, atuam como reservatórios naturais. “É uma solução de baixo custo e alto benefício que o poder público dos municípios poderia investir, mas que acabam deixando passar”, afirma Moro.

Segundo o arquiteto e urbanista, um conjunto de 200 jardins de chuva espalhados pela cidade pode ter a mesma capacidade de retenção de água que um pequeno piscinão, mas sem a necessidade de obras especializadas e com impacto positivo na paisagem urbana. Moro cita experiências de São Caetano, como a rua Eduardo Prado, incorporada ao Parque Chico Mendes, onde o asfalto deu lugar a um jardim de chuva inspirado em Roberto Burle Marx.

“Se parte dos piscinões fosse repensada como parques esponja, teríamos espaços úteis durante quase todo o ano que ainda ajudariam no combate às enchentes”, explica Moro. Em sua visão, estes espaços devem funcionar ativamente nos “300 dias” e ser fechado para captação de águas de chuva nos períodos mais críticos, considerados os “65 dias restantes”.

### **Tecnologia e manutenção continuam essenciais**

Além das soluções verdes, a manutenção constante das redes de microdrenagem é indispensável na visão do urbanista. “A drenagem urbana precisa ser pensada como um sistema integrado. Manutenção periódica, tecnologia e planejamento preventivo devem caminhar juntos. É a única forma de reduzir os impactos das chuvas extremas e simultaneamente melhorar a qualidade urbana”, defende o urbanista.

Experiências internacionais citadas por Moro reforçam o argumento. Segundo o urbanista, em Paris, galerias subterrâneas funcionam como reservatórios temporários, liberam a água de forma controlada. E a nível nacional, na região do Estádio do Pacaembu, em São Paulo, um piscinão subterrâneo retém água e a libera gradualmente, o que previne alagamentos em áreas críticas.

Diante das inovações, Moro defende que a combinação de soluções verdes, microdrenagem e sistemas inteligentes é o caminho para enfrentar chuvas cada vez mais intensas, localizadas e rápidas.

### **O que falta no ABC?**

Apesar de avanços e de iniciativas pontuais, o arquiteto afirma que a região ainda enfrenta desafios estruturais: impermeabilização do solo, ocupação irregular e descarte inadequado de resíduos dificultam o escoamento das águas. Para Moro, o modelo atual, centrado em piscinões, é insuficiente. “Não é que os piscinões deixem de ser necessários em alguns casos, mas não podem ser a única solução. É preciso pensar a cidade de forma integrada com drenagem que dialogue com lazer, meio ambiente e qualidade de vida. Esse é o salto que ainda falta ao ABC”, completa.

<https://www.reporterdiario.com.br/noticia/3700631/dependencia-de-piscinoes-mostra-falta-de-alternativas-contra-alagamentos-no-abc/>

**Veículo:** Online -> Site -> Site Repórter Diário

**Seção:** Cidades